

Outro olhar ao design contemporâneo: a denúncia da violência

Different view at the contemporary design: the complaint of violence

Queiroz, Leila Lemgruber; doutor¹
IED/ FGV, Brasil
leilalemgruber@globo.com

Resumo

A reflexão sobre um modelo social e político de design representa o núcleo central deste artigo. O que se pretende afirmar é a importância da atuação ética do design nas comunidades vulneráveis. Pensadores do campo do design que refletem sobre estas questões são apresentados, assim como situações que pertencem a este modelo no cenário contemporâneo.

Palavras Chave: design; modelo social; político; vulnerabilidade; denúncia; violência.

Abstract

Reflecting on a design social and political model is the core of this paper. The aim is to affirm the importance of the design ethics interaction in vulnerable communities. Thinkers from design field which reflecting about these issues are presented, as well as situations that belong to this model in the contemporary scenario.

Keywords: design; social model; political; vulnerability; complaint; violence.

¹ Doutora em Design PUC-Rio. MBE em Economia e Gestão da Sustentabilidade pelo Instituto de Economia UFRJ. Professora em Sustentabilidade na FGV Rio/SP nos programas de MBA. Professora do Instituto Europeu de Design. Palestrante e pesquisadora em Design para sustentabilidade. Membro do Grupo de Pesquisa GRUDAR-PUC-Rio

Introdução

Iniciamos este artigo percorrendo práticas e ideias que representam atitudes de resistência no campo da reflexão crítica do design. Atitudes impregnadas de rupturas frente à exposição exacerbada da palavra “design”. Sobretudo porque, hoje, design se converteu em um termo que faz parte da linguagem cotidiana. Seu significado conceitual foi esvaziado para imprimir valor a contextos diversos. Por vezes, surpreendentes.

Procuramos apresentar novas perspectivas para se refletir e praticar o design de forma contextualizada, agindo transdisciplinarmente, considerando as diferenças locais, econômicas e sociais. Desta forma, ressaltamos as tarefas sociais e políticas atribuídas ao design, e que não ultrapassavam, até bem pouco tempo, os limites daqueles que circulam no campo.

Este outro olhar ao design impõe compromissos com um modelo diferenciado daquele absorvido pela economia de mercado. E, neste cenário encontramos o sujeito com atributos de vulnerabilidade. Desta forma, um universo vastíssimo de atitudes projetuais no campo do design é colocado em evidência. As roupas que vestimos e os acessórios que nos complementam estão impregnados de uma atitude social e política. Poderíamos aqui citar, também, o design voltado para as minorias, para os deficientes ou idosos.

Importante sublinhar que não se pretende exercer uma rejeição sobre o que já é legitimado pelo campo do design, mas incorporar o atributo da sustentabilidade, na valorização de sua contextualização social e política. Fator compreendido como inexorável ao próprio campo. E, desta forma, reinventar paradigmas funcionalistas que paralisam possibilidades de percepções sobre novos modos de *fazer* e de compartilhar o ofício do design. Portanto, trazemos neste artigo uma reflexão sobre a possibilidade do campo do design se debruçar sobre a contextualização social e política, através da denúncia exposta no produto. Denúncia resultante da violência imposta a uma comunidade vulnerável.

A denúncia da violência através de um bordado: o caso das *arpilleras*

[...] toda a perfeição alcançada em nossos dias pelos processos de composição na produção não fez mais que colocar em evidência, com uma clareza cada dia maior, sua situação deficitária: o design atual não satisfaz de nenhum modo as tarefas sociais, que a ele foram atribuídas, e mais do que isso encobre, ao contrário, aqueles problemas que são mais urgentes.

(Selle; 1973:10)

O movimento das *arpilleras*² aportou no Pará, em 2012, onde o que está sendo denunciado são as condições impostas às mulheres que vivem nas regiões que serão alagadas pela construção da usina hidrelétrica Belo Monte. Por conta do inchaço desordenado das cidades envolvidas nas obras, o índice de prostituição e violência contra as mulheres aumentou de forma assustadora. As *arpilleras*, como estas mulheres se apresentam, tecem a memória das injustiças sociais e o descaso dos órgãos públicos. Este artigo não pretende colocar em discussão questões desenvolvimentistas que impactam territórios e comunidades decorrentes da construção de usinas hidrelétricas. O que se pretende refletir é a forma com que mulheres invisíveis, nestes contextos, interferem de forma revolucionária, silenciosa, mas com armas do seu cotidiano: um pedaço de pano, uma agulha e um fio de linha.

Neste outro olhar para o design, conforme está nomeado neste artigo, é imperativo dar-se “voz” ao sujeito, considerado *invisível*. A valorização do sujeito contextualizado imprime novos significados aos objetos e serviços a serem projetados. Estes objetos e serviços necessitam atender, por vezes, às desconstruções da vida cotidiana a partir do entendimento de valores singulares e éticos.

Desta forma, trazendo a reflexão de Santos (2004) para este contexto, devemos estar preparados para fundar as bases de um espaço que se possa dizer verdadeiramente humano. E, neste espaço não estaríamos dividindo os

² Movimento iniciado em 1970 por um grupo de bordadeiras chilenas denominadas *Arpilleras*. O termo *arpillera* tem origem nos sacos de juta ou cânhamo, que acondicionam farinhas ou batatas. Assim, estas mulheres utilizavam estes sacos como suporte de seus bordados. E, através destes bordados denunciavam a realidade política do Chile. Estas mulheres excluídas da frente da batalha faziam uso de suas mãos e linhas para tecer suas denúncias sobre infortúnios e opressões. Frases bordadas como: “Onde estão nossos familiares?”, “Não à injustiça, não à impunidade”.

homens em exploradores e explorados. Mais ainda, neste espaço o homem não seria considerado mera mercadoria.

Quando enfatizamos o design a serviço de um modelo sociopolítico, trazemos à discussão e reflexão, o trabalho da mexicana Teresa Margolles que expôs no Recife, em março de 2015. Seu trabalho discute e torna literalmente visível a violência urbana que atinge pessoas, ao redor deste nosso planeta. Teresa inicia seu trabalho em 1990 denunciando os homicídios em massa causados pelo narcotráfico no México. Como artista e pesquisadora realiza um trabalho que tem como ponto de partida relatos de cenas impregnadas de violência que ocorreram em lugares como Ciudad Juárez, fronteira com EUA.

Teresa expande seu trabalho no Brasil e apresenta o resultado com as *bordadeiras de Recife da comunidade do Alto José do Pinho*³. O projeto convida bordadeiras para trabalhar sobre tecidos embebidos em sangue de uma pessoa que sofreu algum tipo de violência. Enquanto as mulheres bordam, *conversam sobre os medos e insegurança que rondam suas vidas*. E, as imagens vão sendo bordadas sobre estes tecidos onde se encontra impressa a violência sofrida e testemunhada.

Ora, podemos insinuar que este ato localiza-se fora do limite *glamourizado* do design que tem como objeto o vestuário. Sim, é verdadeiro. E a partir desta prática, tendo como suporte o tecido e como artífice a bordadeira, destaca-se a fragilidade fronteira entre arte e design. Mas o que tece este laço é o fato de utilizarmos o modelo sociopolítico para denunciarmos práticas perversas, tanto na cadeia produtiva quanto em situações do cotidiano. Desta forma, afirmamos que o design, neste caso, é o fio condutor que tem por objetivo puxar a linha de uma história. Proporcionar o nascimento de um cenário rechaçado e invisível.

Neste cenário o objeto resultante não se constitui apenas em um objeto de consumo, entendido pela economia de mercado, mas como um objeto de denúncia sobre a violência. Porém, o suporte deste objeto pertence ao campo

³ LABRA, Daniela. *Violência Invisível*. Jornal O GLOBO, 16 /02/2015, Segundo Caderno p.2

do design do vestuário, assim como a agente social que imprime sua marca através dos bordados.

Visualizamos, sobretudo, a linha tênue entre o que se considera um objeto de arte ou de design. Há que se salientar que o discurso político pode atravessar o objeto. Caso ele se preste ao consumo e mesmo assim possuir atributos políticos será considerado uma mercadoria para ser absorvida pelo mercado, e não somente contemplada como objeto denunciante. E, por conseguinte, o distanciamento do sujeito/objeto desaparece. O sujeito incorpora o objeto como posse. Vale salientar que esta discussão se estende ao território em que este objeto é oferecido: se em um espaço consagrado pelo campo da arte, ou o território do mercado consumista. No caso das *arpilleras* o que interessa ao campo do design é o processo de produção que permite tornar visível a subjetividade latente.

Quando enfatizamos a contextualização social e política acerca do design estamos colocando em destaque a possibilidade de melhoria da qualidade de vida, e desta forma, proporcionando alguma dose de bem estar a algum grupo ou indivíduo em um determinado contexto. Cabe acentuar que melhoria de qualidade de vida não pode ser entendida apenas como possibilidade de acesso a bens materiais, mas, sobretudo liberdade para o indivíduo exercer sua cidadania e atuar em seu território. E, neste caso, livre para denunciar práticas sociais violentas através da narrativa exposta nos bordados.

Por outro lado, sabemos das dificuldades que as comunidades artesanais enfrentam para negociar seus produtos e a forma como são incorporados no mercado de grandes metrópoles, sofrendo o processo da apropriação de seu conhecimento tradicional. Mas, neste artigo, o objetivo não se reduz à discussão sobre esta apropriação, mas de que forma este *bordado* funciona como um instrumento de denúncia acerca da violência a que são submetidas estas mulheres.

De acordo com a fala de uma bordadeira da cidade de Altamira: a *arpillera* não é artesanato nem produto: é um ato político; um estudo sobre

*direitos humanos; uma ferramenta para se libertar de um sistema que é muito opressor contra as mulheres.*⁴

Reflexões sobre a contextualização social e política do design

Comparado ao “modelo de mercado”, tem-se pouca teoria sobre um modelo de design de produto para necessidades sociais. A teoria sobre design para o mercado é extremamente bem desenvolvida. [...] De modo inverso, pouco se tem pensado sobre as estruturas, métodos e objetivos do design social. (Margolin,2004:43)

Determinados significados dos produtos que se encontram com interesses subjacentes ao projeto constituem um problema crítico. O design continua projetando a realidade da bela aparência, de acordo com as relações de produção dominantes. Assim, devem ser analisadas as consequências sociais e políticas do design. A teoria social do design aponta a possibilidade da não alienação entre o sujeito e seu meio coisificado. Neste cenário, o design não estaria colaborando para a feitichização dos objetos de consumo.

Por conseguinte, alinhamos nossa reflexão com aqueles que propõem disponibilizar a tecnologia e o conhecimento conquistado em direção a uma humanização em concordância com a fundamentação política e social diferenciada.

Alguns designers, e, também teóricos do campo que reforçam um modelo social de design, em suas práticas e pesquisas, auxiliam na afirmação de um olhar diferenciado às questões já tão conhecidas e tão pouco valorizadas na economia de mercado. Questões estas que dizem respeito ao atendimento, por vezes de situações que não fazem parte do glamour tão aclamado pelo *design*. As expectativas equivocadas do mercado, em relação às interferências do campo do design nos produtos e serviços, criam barreiras impedindo que os profissionais se dediquem a projetos que tem por objetivo

⁴ LABRA, Daniela. *Violência Invisível*. Jornal O GLOBO, 16 /02/2015, Segundo Caderno p.2

oferecer o que hoje denominamos como um modelo social de design⁵, ou mesmo parte estruturante do sistema político e social. Este impedimento ocorre pela própria estetização impregnada ao campo do design. Importante acentuar que neste artigo tratamos a beleza, onde ela toca o sublime. Desta forma, sublime serão todos os projetos que atendam às necessidades e os anseios de um determinado sujeito, em um território específico.

De acordo com os princípios do design voltado às prerrogativas do mercado, o objetivo está direcionado a satisfazer a manutenção do processo mercantil. E, de acordo com Margolin (2004) o objetivo primordial do design social é a satisfação das necessidades. Poderíamos até discutir sobre os limites dos desejos e das necessidades. Mas nossa trajetória neste artigo se volta à visibilidade de necessidades essenciais subjetivas pertencentes a comunidades vulneráveis. A pergunta que se coloca neste contexto diz respeito ao papel que o designer pode desempenhar em um processo de colaboração transdisciplinar para que seja possível obter um resultado a partir de uma intervenção social. Este resultado não corresponde necessariamente à análise de um objeto, considerado aqui produto social. O que está em pauta é a relação do sujeito com seu território e os valores éticos impregnados e praticados com sua comunidade.

Trazemos para esta reflexão o designer Victor Papanek, como ele próprio se intitula no seu livro *Nomadic Furniture* (1973b), um ser nômade que se encontra em constante movimento pelo mundo, contribuindo com o seu design para a melhoria da qualidade de vida de diferentes povos.

Para que o design cumpra seu papel, a inovação e a criatividade devem estar comprometidas com as verdadeiras necessidades do homem.

Design precisa ter significado. Adjetivos não são suficientes para justificar um projeto de design. Como um designer visionário que era Papanek já vislumbrava os problemas que hoje vivenciamos por conta de nos fixarmos nas “necessidades do pico da pirâmide”, e não naquelas que representam a

⁵ O termo Modelo Social de Design surge na literatura do campo de design a partir do artigo de Victor Margolin: *Um Modelo Social de Design: questões de prática e pesquisa*. Ver referências bibliográficas.

“base da pirâmide”, ou conforme ele próprio declara: as que pertencem ao do mundo real.

Não é uma pena que poucos projetos, poucos produtos sejam realmente aplicáveis às necessidades da humanidade? Assistir pela televisão em cores como morrem as crianças de Biafra, ao mesmo tempo em que se toma um Martini gelado, pode ser excitante para muita gente, mas só até o momento em que a sua cidade começar a pegar fogo. Para um designer engajado não é aceitável este modo de vida, esta perda do sentido de Design, não é aceitável. (1973a:73)

Papanek é considerado um filósofo do design. Através de seus escritos e palestras, promoveu fortemente uma perspectiva direcionada ao domínio do social, refutando o design voltado para a alimentação do sistema consumista. Para ele, o design deveria estar a serviço do indivíduo, de acordo com a exigência do contexto socioeconômico e cultural no qual estivesse inserido. E desta forma, oferecer opções às pessoas. Ao oferecer opções sua função deve estar orientada no sentido de fazer com que as pessoas participem da tomada de decisões em relação às solicitações projetuais para as resoluções dos problemas apontados. De acordo com Papanek, é preciso um suporte espiritual⁶ para a nossa consciência ecológica. A preocupação com o meio ambiente não mais terá conotações de “modismos”, como ocorreu em outras décadas. Não obstante, o anseio de se manter uma relação mais profunda entre a Humanidade e a Natureza proporcionará um grande despertar espiritual. Contudo, sua preocupação diz respeito à intenção do designer no exercício do seu ofício para suprir uma necessidade. Ao fazê-lo, o designer pode dotar o mais modesto dos objetos com profundos valores espirituais. Neste caso Papanek acentua a dimensão ética que ao design é atribuída quando são contemplados projetos de objetos ou sistemas para a inclusão social. Como por exemplo, no atendimento de pessoas deficientes ou mesmo incapacitadas de exercer suas funções cotidianas.

Não basta ao designer possuir aptidões e habilidades para investigar, organizar e inovar. O talento deve ser desenvolvido para o conhecimento da

⁶ Importante acentuar que “valores espirituais” serão aqui entendidos como aqueles que fazem parte do campo da subjetividade e não pertencentes a dogmas religiosos. Tanto Papanek como Victor Margolin refletem sobre os valores espirituais de acordo com este conceito.

técnica, a harmonia estética e a preocupação com os fatores sociais e humanos. Mescla-se a isso, a sabedoria para prever as consequências ambientais, ecológicas, econômicas e políticas provocadas pelo design e por fim, a capacidade para trabalhar com indivíduos de diferentes culturas e diferentes campos de conhecimento.

Manzini (2008) retoma a demanda social do design, na nossa contemporaneidade, colocando uma observação inicialmente paradoxal: como podemos nos encaminhar rumo a uma sociedade onde as expectativas de bem-estar não sejam mais associadas à aquisição de novos artefatos? Conforme ressalta o autor é possível imaginar uma nova geração de artefatos que colaborem na definição de novas, e mais sustentáveis demandas sociais.

Trazemos a esta reflexão, sobre a contextualização política e social do design, o caso apresentado sobre as bordadeiras que denunciam suas inquietudes através dos seus *fazer*es artesanais, quer estejam no Chile, Pará ou qualquer outro território. Suas *arpilles*, como são reconhecidos seus bordados, possuem um valor imaterial que as coloca em um lugar além do mercado. Suas *arpilles* servem para inseri-las no território da visibilidade. E, desta forma, são livres para denunciar sua opressão. Consideramos este ato uma necessidade provocada pela condição de vida dessas mulheres.

Cabe, aqui, um comentário sobre necessidades humanas. O que determina o conceito de necessidade? Se estivermos nos reportando a contextos econômicos, sociais e culturais diferenciados, cada qual demandará diferentes necessidades. Portanto, entendemos por necessidade um termo aplicado a contextos específicos e não transcendente a todos eles, como condição humana. Tanto o design de mercado, como o design social implica satisfação de necessidades. O que os torna essencialmente diferentes é a própria política econômica que estimula a absorção de modelos de desenvolvimento direcionados ao acúmulo de mercadorias. Mercadorias que se prestam a legitimar o sujeito em um determinado contexto almejado. Desta forma, políticas públicas entrariam em cena para que a perspectiva social do design fosse efetivamente implementada, sem filantropia. A questão a ser

levada em conta, neste artigo, são as necessidades sociais de grupos vulneráveis.

Importante acentuar que quando aqui se fala de populações vulneráveis, é preciso ficar claro a variável de temporalidade na determinação destes grupos. Por exemplo, determinada população se torna vulnerável pelo acontecimento de alguma catástrofe ambiental, social ou política. Neste caso estamos nos reportando a situações como terremotos, até mesmo o caso de um território em conflito ou guerra declarada. Neste caso, a vulnerabilidade pode estar vinculada a um tempo preciso até que sejam extirpadas as condições que levaram estas comunidades a se encontrarem em situações limítrofes à condição humana.

O tema da espiritualidade também é evocado por Victor Margolin, outro grande teórico do campo do design, em seu artigo *The Politics of the Artificial* (2002), quando promove uma reflexão sobre a dificuldade de se limitar fronteiras entre o natural e o artificial. Anteriormente, e isto não faz tanto tempo, poderíamos considerar o design como concepção e planejamento daquilo que pertencia à esfera da artificialidade. Estas fronteiras acabaram. Margolin (2002) sustenta que a dificuldade de se visualizar estas fronteiras - do natural e do artificial - torna necessária a implementação de uma nova metanarrativa: a da espiritualidade. A espiritualidade, de acordo com o autor, pode vir a ser uma fonte para se cultivar um novo sentido de valoração. Por conseguinte, um design com valor para os indivíduos.

Se não faz sentido imaginarmos um mundo sem produtos, Margolin (2002) ressalta que falta uma teoria de ação social na concepção destes produtos para que se possa explicar a sua relação com a atividade humana.

Desta forma, reforça-se o pensamento acerca do design como instrumento de construção social. Para tanto, é salientada a influência que os designers apresentam na perspectiva de mudança de atitudes e valores dos indivíduos agindo na sociedade.

Vários teóricos do design abordaram em seus escritos o papel do design no mundo contemporâneo, promovendo uma reflexão crítica sobre esta

questão. Porém, Hal Foster, crítico de arte, imprimiu um pensamento mais agudo. No artigo *Design and Crime* (2002), Foster já esgarçava o tecido do design contemporâneo com suas conceituações tão bem inseridas no contexto atual.

Introduzimos neste momento a reflexão de Hal Foster (2002) sobre o excesso de design na nossa sociedade. Esta enxurrada de design, de acordo com o autor, não está contribuindo para o design valorizado. Os objetos se multiplicam com o intuito de alimentar o sistema que coloca como ponto chave da economia o crescimento desvinculado do desenvolvimento. Mas se o designer estiver na posição de *facilitador* poderá tornar visíveis denúncias sobre opressões, e outros tantos infortúnios da condição humana.

Considerações finais

O cenário contemporâneo apresenta novos caminhos para se pensar o campo do design. O excesso de materialidade que satisfaz desejos momentâneos, já se basta. O design enfrenta um sistema complexo na economia de mercado. Sobretudo porque o valor maior não mais se encontra aprisionado nos objetos. O sujeito contemporâneo interfere no seu território e reivindica melhores condições de vida para além do acúmulo de bens materiais. Solidariedade, ética, liberdade e transparência constituem valores essenciais. A roda da economia de mercado continua a girar e o design alimenta este sistema. Porém, outros caminhos precisam ser percorridos pelo design. Com cautela. Porque neste ponto a matéria que molda nossos projetos não é inerte, pois, ela tem atributos da vida intensa. Esta vida social, política, cultural e econômica se encontra impregnada de sentimentos. Agora a artificialidade dos objetos não ocupa mais o lugar de destaque no campo do design. O sujeito invisível, vulnerável, oprimido e escravizado se transforma em um dos objetivos da pesquisa do design, de acordo com o modelo social. O sujeito deixou de ser apenas usuário.

Relevante também pontuar que o campo do design se ocupa de produtos e processos. No caso deste artigo, o produto final, objeto de denúncia de violência nos serve como pretexto para a reflexão crítica do sujeito inserido em um processo de produção artesanal. O campo do design se expande para além do objeto.

Neste contexto, o produto social decorrente das bordadeiras, quer estejam no México, Chile ou no Brasil, se confunde com seus próprios sentimentos. Ele liberta o discurso abafado. O bordado cumpre a narrativa da denúncia e o design, ético, respeita esta lógica considerada mercantil, mas acima de tudo social e política. E, cabe ao designer atuar neste campo como um facilitador das denúncias, anseios e necessidades que permeiam as comunidades vulneráveis.

Referências

FOSTER, Hal. **Design and crime: and other diatribes**. London: Verso, 2002.

LABRA, Daniela. *Violência Invisível*. Jornal O GLOBO, 16 /02/2015, Segundo Caderno p.2.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Coordenação de tradução Carla Cipolla. Rio de Janeiro: E- papers, 2008. (Cadernos do Grupo de Altos Estudos; V.I).

MARGOLIN, Victor. **The Politics of the Artificial**. Essays on Design and Design Studies. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

_____ ; MARGOLIN, Silvia. **Um Modelo Social de Design**: questões de prática e pesquisa. **Revista Design em Foco**. Salvador: Universidade do Estado da Bahia, julho-dezembro, vol.1, nº1.2004, p.43-48.

PAPANEK, Victor. **Design for the real world**. New York: Bantam Books, 1973a.

_____ ; HENNESSEY, James. **Nomadic Furniture 1**. New York: Pantheon Books, 1973b.

_____. **The Green Imperative**. New York: Thames and Hudson, 1995.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2004.

SELLE, Gert. **Ideologia y utopia del diseño**. Contribución a la teoria del diseño industrial. Barcelona: Editorial Gustavo Gill, 1973.

QUEIROZ, Leila Lemgruber. **Utopia da sustentabilidade e transgressões no design**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2014.